



Aspecto da Fazenda «Monte Alegre», em Rozendo, Estado do Rio, de propriedade do Cel. Fabiano Pereira Barreto, onde nasceu o Dr. Luiz Pereira Barreto. Nesta Fazenda, há 100 anos, foi introduzido o café Bourbon. (Foto tirada há 80 anos, gentileza do Sr. Carlos Whately).

que inspirava. As inimigas do café tiveram, então, uma idéia trágica. Foram em comissão ao rei Carlos II dizer que, nos cafés, se tramavam conspirações contra a sua vida. O rei acreditou, fechou os cafés, prendeu seus freqüentadores mais ilustres: Mas um dia Carlos II teria de morrer; Morreu em 1685, e o café, como bebida e como ponto de reunião, tornou a conquistar Londres, desta vez para sempre.

Por essa época, já o café conseguira o seu lugar na vida francesa. Iniciara-se em Marselha, em 1644, introduzido por Jean La Roque. Treze anos depois chegava a Paris, onde, em 1672, se abria o primeiro de uma multidão de "cafés", entre os quais ficaria célebre o "Café de la Regence", que costumava ter à volta de suas mesas freqüentes como Jean Jacques Rousseau, D'Alembert, Diderot, Voltaire e, mais tarde, Robespierre.

E como na França, em todo o resto da Europa, particularmente na Alemanha, onde, em 1670, se abria o primeiro estabelecimento público, a "coffea arabica" conquista os espíritos mais brilhantes. A tal ponto que Johann Sebastian Bach, o imortal compositor alemão, chegou a escrever uma comédia musical em defesa do café!

Os holandeses e o comércio do Café

Mas era a Holanda que estava destinada a ser o germe da prosperidade futura do café. Foram os holandeses os primeiros a explorar, com bases econômicas, a sua cultura, nas colônias que semeavam pelo mundo. Iniciaram a cultura sistemática em Java por volta de 1690. Tornaram-se rapidamente, graças a Java, Borneu, Sumatra e outras colônias, os primeiros grandes plantadores e negociantes do produto. E um dia o burgomestre de Amsterdam, Nicholas Witsen, fez vir algumas sementes de Borneau, que plantou em estufas no Jardim Botânico local. Foi difícil cultivá-las: o clima era insuportável. O trabalho era imenso. Mas delas havia de se originar uma das riquezas futuras da América. De fato, quando em 1714 se celebrou a paz entre a Holanda e a França, após uma guerra sangüinolenta, Witsen se lembrou de mandar, entre outros presentes, ao rei de França, algumas mudas colhidas na sua pequena plantação do Jardim Botânico. Transportadas para o Jardim des Plantes de Paris, um botânico ilustre, Chirac, tratou-as carinhosamente. E como o solo francês não fosse o mais indicado para o seu cultivo, resolveu transferi-las para Martinica, confiadas ao seu novo governador, De Clieu, que em 1720 deixava a França.

A viagem do café, daquela pequena planta que seria o antepassado de fabulosos cafezais, foi dramática. Tempestades bateram o navio do capitão De Clieu.

Numa delas a mastreação se abateu, o barco teve que se arrastar lentamente pelo oceano vasto, muito mais do que o previsto. Os alimentos escassearam. A água foi racionada a bordo. O pequeno cafeiro recebido pelo capitão, em Paris, ameaçava morrer. E De Clieu, que prometera a Chirac zelar por aquela fonte de riqueza futura, levou aos últimos extremos a sua promessa. Repartiu, até o fim da viagem, com a planta, a modesta ração de água que lhe competia. Salvou-a, assim, e quatro anos depois os cafezais de Martinica floresciam e frutificavam.

Ainda não chegara, porém, a vez do café brasileiro. As Antilhas já possuíam os seus cafezais, descendentes remotos daqueles sementes levadas de Borneu para Amsterdam. Mas o café brasileiro acabaria preso à mesma origem. E foi esta a história:

Witsen havia remetido para a Guiana Holandesa certo número de mudas, que logo se adaptaram ao novo solo, de clima particularmente propício. Naquela época, não se vendia o café em grão, para evitar que outros o plantassem. O costume vinha dos turcos que, de avisados, primeiro o torravam. Mas havia em Surinam um fugitivo da justiça francesa, um certo Mourges. Desejo de voltar às terras da pátria, um dia Mourges escreveu ao governador da Guiana Francesa pedindo-lhe perdão e propondo-lhe, em troca, apropriar-se de algumas sementes da planta maravilhosa. O governador achou bom negócio. Regressou o fugitivo, as sementes chegaram com ele. A terra era acolhedora e fácil. E em pouco tempo já Luís XV, rei de França, podia saborear o café procedente da sua colônia americana.

Da Guiana Francesa para o Brasil

Seria o café da Guiana Francesa o vôvo do café brasileiro. Porque um dia viria a Caiena, em missão oficial, numa questão de fronteiras, um oficial luso-brasileiro, o sargento-mór Francisco de Melo Palheta. Afortunado na sua missão, Palheta cairia nas graças da esposa do governador, que o distinguia com um presente de largas conseqüências em toda a vida econômica do Brasil: algumas sementes de café.

Voltando ao Pará, de onde fora em missão à Guiana, Melo Palheta, soldado e aventureiro que devassara florestas, que já arremetera em perigosas missões pelo interior, retirara-se à vida privada. Distribuiu algumas das sementes recebidas. Mas conservara algumas e ia cultivá-las. Foi o introdutor do café no Brasil. Seu nome ficaria na história de sua pátria, não pelas muitas e aventureiras missões em que jogara a vida pelo sertão, a serviço do seu governo, mas pelo modesto fato de haver

trazido de Caiena algumas sementes de café. Perdeu-se, com o tempo, a linha da descendência de Palheta. Ainda hoje, porém, é possível rastrear, através do território brasileiro, a descendência das sementes trazidas pelo sargento-mós Melo Palheta.

Do Pará, no extremo norte do Brasil, descera o café para o Maranhão e capitâncias vizinhas. Em 1760, João Alberto Castelo Branco, do Maranhão, é enviado como alto autoridade judiciária para o Rio de Janeiro. Traz consigo alguns pequenos cafeeiros. Oferece um às freiras do Convento das Carmelitas, outro aos monges capuchinhos, "guarda um para si, oferece um quarto ao holandês João Hoppmann, que morava no Brasil desde 1740, casara-se com brasileira, e seria o primeiro exportador do café brasileiro. Conta-se que os monges e Hoppmann foram os mais afortunados plantadores de café, naquele período. Hoppmann chegou a ter uma bela plantação na zona de São Cristóvão, hoje bairro residencial, coberta e ultrapassada pelas casas da metrópole.

O Marquês do Lavradio faz "acreditar" no café...

E' dessa época um gesto de larga visão do então vice-rei, Marquês do Lavradio. Pede algumas sementes a João Hoppmann, convoca os fazendeiros das proximidades, mostra a importância do café, convida-os a cultivá-lo. Os homens, porém, não acreditam. Esquecem o pedido, abandonam as sementes. Um ano depois o Marquês do Lavradio manda inspecionar as plantações, que não são encontradas. Faz prender, então, os principais fazendeiros, por três dias, e, ao fim, dá-lhes novas sementes. Desta vez, eles acreditam. O resultado ainda hoje se faz sentir.

Seja como for, este foi o início da grande expansão do café no sul do Brasil. Como vimos, veio ele do extremo norte, descendo até alcançar o atual Estado do Rio de Janeiro, fazendo-lhe a prosperidade durante o império.

Mas, não parou aí. Descendo sempre, geograficamente falando, fugindo das terras empobrecidas, passou ao Estado de S. Paulo, hoje o maior centro cafeeiro do mundo. Embora S. Paulo mantenha ainda a sua hegemonia nessa lavoura, os cafeeiros continuam a se transferir para o sul, sendo atualmente o Estado do Paraná também um grande produtor.

Dois terços da produção mundial de café saem do Brasil, vindo a seguir a Colômbia, as Índias Holandesas, a Venezuela, o Salvador, Guatemala, Haiti, México, Costa Rica, Nicarágua, Índia Britânica, República Dominicana, Arábia, Porto Rico e África Oriental Inglesa."